

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO (PUC-SP)

PIERO IASI FRANCESCHI

**HAPPY HOUR E O ETERNO RETORNO:
RITUAL E MITOLOGIA OCULTOS POR UMA RODADA DE CERVEJA**

São Paulo

2014

PIERO IASI FRANCESCHI

**HAPPY HOUR E O ETERNO RETORNO:
RITUAL E MITOLOGIA OCULTOS POR UMA RODADA DE CERVEJA**

Monografia do curso de Pós-Graduação em
Semiótica Psicanalítica -Clínica da Cultura- da
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
(PUC-SP) como requisito para conclusão do
curso.

Orientador: Prof. Clovis Pereira

São Paulo

2014

AGRADECIMENTOS

A Joana, por ser essa pessoa especial.

E se um dia ou uma noite um demônio se esgueirasse em tua mais solitária solidão e te dissesse “Esta vida, assim como tu vives agora e como a viveste, terás de vivê-la ainda mais uma vez e ainda inúmeras vezes: e não haverá nela nada de novo, cada dor e cada prazer e cada pensamento e cada suspiro e tudo o que há de indivisivelmente pequeno e de grande em tua vida há de retornar e tudo na mesma ordem e seqüência-...- e do mesmo modo este instante e eu próprio”

F. Nietzsche

RESUMO

Por diversas vezes em nossa vida adotamos comportamentos que de tão naturais, nunca nos forçam a um questionamento mais profundo sobre suas motivações ou origens. Esses hábitos fazem parte “do que sempre foi”, tornando-se apenas paisagem mimetizada de função meramente contemplativa. Esse estudo tem como objetivo principal aprofundar o entendimento sobre um desses fenômenos culturais bastante presentes em nossa sociedade sob a forma de hábito: o Happy Hour. Este, analisado sob a ótica de um ritual, nos leva ao entendimento de que suas motivações são maiores e mais profundas do que necessidades meramente racionais, estando diretamente conectadas com uma mitologia que oculta a suporta. Apoiado então nos conceitos de decodificação mitológica de Roland Barthes e do “Eterno Retorno” como apresentado por Mircea Eliade, concluímos que o Happy Hour se apresenta como uma forma contemporânea de sustentação do mito da Comunhão, o que está diretamente relacionado ao episódio da Santa Ceia como narrado pela Bíblia. Seus códigos simbólicos e orquestração do Real mostram-se associados com uma reencenação da narrativa católica e oferece inconscientemente um significado inspirador e regenerativo para aqueles que o praticam.

Palavras-Chave: Sociologia. Mitologia. Religião.

ABSTRACT

Frequently, some behaviors become so natural in our lives that never force us into a journey of deeper understanding about its motivations or origin. These habits are part of that “always been there” scheme, becoming just a landscape to be merely observed. This study’s main objective is to deep dive in one of these cultural phenomenons that are very present in our society as a common habit: Happy Hour. Analyzed as a ritual, it presents deeper motivations that are far from being just rationally driven becoming directly connected with a correlated hidden mythology. On the back of Roland Barthes’ mythological decodification process and on Mircea Eliade’s “Eternal Return” concept and we can conclude that the Happy Hour is a current sustentation form for the “Communion” myth, which is directly related with the “Last Supper” passage in the Holy Bible. Its symbolic codes and Real orchestration seems to be associated with a re-acting of this passage and unconsciously presents an inspiring and healing meaning for those who are there.

Key-Words: Sociology. Mythology. Religion.

SUMÁRIO

| | | |
|----------|---|----|
| 1 | INTRODUÇÃO | 7 |
| 2 | O RITUAL | 9 |
| 2.1 | SINTOMAS DE UMA SOCIEDADE DESORIENTADA..... | 9 |
| 2.2 | POR TRÁS DO VÉU DE UM SIMPLES HÁBITO..... | 10 |
| 2.3 | RITUAL COMO COMBUSTÍVEL DOS MITOS | 15 |
| 3 | O MITO | 18 |
| 3.1 | DECODIFICANDO O MITO | 18 |
| 3.2 | AS RAÍZES HISTÓRICAS DO MITO | 23 |
| 3.3 | HAPPY HOUR COMO REENCENAÇÃO DA SANTA CEIA | 28 |
| 4 | CONCLUSÃO | 36 |
| | REFERÊNCIAS | 37 |

1 INTRODUÇÃO

É quinta-feira.

Uma quinta-feira como qualquer outra que já passou e igual a muitas outras que estão por vir. O relógio na parede move devagar seus ponteiros e agora indica 17h50min. Os próximos minutos custam a passar, arrastando consigo uma incontrolável ansiedade para o fim de mais um dia de trabalho.

De um minuto para outro, uma mudança repentina é sentida entre as mesas do escritório. O ritmo frenético que até agora dominava o ambiente, agora parece drasticamente alterado, sendo denunciado pela crescente falta de vozes nos corredores. O repetitivo som do bater dos teclados vai cedendo espaço para o antes não notado barulho vindo do sistema de ar condicionado. Um telefone tocando ao fundo rompe momentaneamente o silêncio, porém já sem possibilidade de ser atendido. “Hoje, só amanhã” pensa um dos funcionários. Alguns mais dedicados ainda respondem alguns últimos emails, porém já deixando deliberadamente outros para trás. “Amanhã, eu resolvo” decide outro funcionário.

Telefonemas, e-mails, relatório se tudo mais podem esperar. Há algo mais importante a ser feito agora.

O ponteiro indica 17h59min. e com isso temos o início de um movimento tão sincronizado que parece comandado por um maestro. Um a um, todos começam a desplugar de seus computadores e arrumar os papéis sob suas mesas. Olhares se cruzam por sob as baias e silenciosamente combinam um destino em comum: a porta da saída. Novamente os corredores recobram sua vida e agitação. Porém, agora as discussões e decisões dão lugar à acanhadas risadas. O desânimo ou preocupação compartilhada ao longo do dia são trocados pelo *entusiasmo* crescente. Uma nova energia já circula no ar, quase como se magicamente tivessem sido invertidos os pólos que regulavam o humor do ambiente.

Uma *força maior* puxa todos para fora. É hora do Happy Hour.

Muito mais do que uma simples diáspora, temos sim um êxodo coordenado de engravatados com um ponto de convergência em comum: O bar. Nesse local, todos se reencontram e passam a dividir uma nova experiência. Intensa e verdadeira em um sentido totalmente novo, muito diferente das últimas horas em que haviam passados juntos.

Ali, no bar, todos são iguais.

Chefe e subordinados, competentes e incompetentes, desvestidos de suas insígnias e patentes, agora juntos numa experiência que pouco precisa ser discutida. Aqui não existem reuniões de alinhamento, procedimentos, normas ou cronogramas. Todos já sabem como se comportar, sobre o que conversar, sobre o que comer e beber. Agem instintivamente como uma regra de um *antigo jogo* que, de tão jogado, não precisa ser lembrada.

2 O RITUAL

2.1 SINTOMAS DE UMA SOCIEDADE DESORIENTADA

Na sociedade em que vivemos, dominada em sua essência pela hipervelocidade e pela hiperinformação (e porque não pela hiperliberdade?), o fato que predomina é uma desconfortável e persistente sensação de desorientação. De um lado, tem-se uma virtuosa torrente de informações e estímulos que, associada a um ritmo de vida frenético, deixa pouco tempo disponível para a qualidade de pensamento, pressionando no limite a capacidade humana de processamento e escolha conscientes. Por outro lado, temos a desconstrução completa de modelos sólidos e estatizantes que constantemente nos coloca na difícil posição de escolha dentre as múltiplas, sedutoras e contraditórias possibilidades que nos são “ofertadas” a todo o momento.

Esse contexto cultural, definido por Lipovestky como Hipermodernidade, faz com que as pessoas tendam desesperadamente (mas inconscientemente) a buscar formas de simplificar um modelo para suas vidas, de forma a conseguir diminuir o desconforto emocional trazido por essa sensação de insegurança e imprevisibilidade. Nesse sentido, os hábitos são comportamentos que possuem um “poder curativo” agindo diretamente sobre os sintomas decorrentes dessa situação que estamos vivendo. Cada vez mais, os hábitos representam uma ilha de tranqüilidade e previsibilidade dentro do revolto mar da modernidade líquida no qual estamos à deriva.

Em sua obra intitulada “Modernidade Líquida”, Zygmunt Bauman cita que “Hoje, os padrões e configurações não são mais “dados”, e menos ainda “auto-evidentes”: eles são muitos, chocando-se entre si e contradizendo-se em seus comandos conflitantes, de tal forma que todos e cada um foram desprovidos de boa parte de seus poderes de coercitivamente compelir e restringir. E eles mudaram de natureza e foram reclassificados de acordo: como itens no inventário de tarefas individuais... Os poderes que liquefazem passaram do “sistema” para a “sociedade”, da “política” para as “políticas da vida” – ou desceram do nível “macro” para o nível “micro” do convívio social.”

Nosso objeto de estudo, o Happy Hour, faz parte desse grupo de hábitos de nível “micro” do convívio social que se pode caracterizar como uma verdadeira constante. A “Hora feliz” numa tradução livre do inglês, o Happy Hour geralmente representa o encontro de *companheiros* de trabalho ao final do expediente. A partir das 18 horas, em todo o Brasil, costuma-se ver os bares lotados de pessoas engravatadas celebrando o final de mais um dia. Fazendo chuva ou sol, não importando a época do ano, pode-se ter a certeza de que os bares sempre estarão cheios nesse momento da semana. E provavelmente teremos os mesmos lugares, freqüentados pelas mesmas pessoas.

Essa constância normatizada do hábito, entretanto faz com que uma reflexão mais detalhada sobre ele se perca dentro do monocromático padrão da recorrência. Sua presença no nosso cotidiano é tão intrínseca à própria dinâmica de convívio social corrente que poucas vezes dedicamos atenção suficiente a entendê-lo melhor como um verdadeiro sintoma da cultura. Comumente tratado como uma dessas raras “certezas” freqüentes em nossa sociedade, adota-se sobre ele uma espécie de “operação padrão” do pensamento, liberando seus freqüentadores (e observadores) da obrigatoriedade de colocar sobre ele uma ótica de interpretação, bastando apenas o confortável fato de ele existir e continuar sendo o que é. De fato, apenas o observamos como uma paisagem intocada de nossa natureza social.

E é exatamente esse o ponto de partida e o destino final da jornada desse estudo. Sairemos do conforto interpretativo de um hábito amplamente difundido e praticado, e caminhado “mata adentro”, buscaremos por formas de entendimento que nos forneçam novos contornos com capacidade de re-significar o fato para além de uma simples recorrência social. Com isso em mãos, regressaremos novamente ao hábito como o é, para finalmente poder reinterpretar sua forma de acordo com esse novo conteúdo, preenchendo suas cavidades de novas e mais profundas motivações.

2.2 POR TRÁS DO VÉU DE UM SIMPLES HÁBITO

Os fatos iniciais e intuitivos que selecionamos como ponto de partida dessa jornada são os motivos conscientes e declarados para que o Happy Hour ocorra com tanta freqüência e precisão de repetição. Observa-se que se qualquer um tiver

uma conversa rápida com qualquer freqüentador de um Happy Hour irá provavelmente obter a mesma qualidade de explicações: “relaxar após um dia de trabalho” ou “matar o tempo enquanto trânsito não passa”. Essas explicações, geralmente racionalmente estruturadas, além de verdadeiras, projetam um sentido de causa/conseqüência que racionalmente justifica a manutenção do hábito. Realmente, ambas as razões acima são verdadeiras e necessárias.

Porém, uma motivação racional dificilmente basta quando estamos buscando uma interpretação fundamentada para um comportamento humano freqüente, ainda mais se tratando de um fenômeno social amplamente difundido por todas as classes sociais e regiões do país. O Happy Hour, sendo tratado como nosso proposto, como um claro sintoma de nossa cultura, não pode ser simplesmente compreendido, por exemplo, como uma válvula de escape funcional para as mazelas decorrentes de um dia difícil no trabalho. Pode-se dizer que essa mesma *necessidade de renovação*, poderia facilmente ser preenchida de outras diversas formas, fato, porém que não se observa como padrão e/ou regularidade. Fica dessa forma muito frágil e superficial sustentar uma explicação completa do hábito, baseado apenas numa declarada relação uni potencial entre necessidade/solução de cunho estritamente racionais.

Assim como na fábula de João e Maria, onde os pedaços de pão foram jogados na trilha que levava ao caminho de casa, torna-se necessário exercitarmos semelhante habilidade de rastrear as “migalhas” que foram espalhadas em nossa sociedade e que provavelmente levam ao caminho de um entendimento mais completo e originário sobre o fato.

Nesse sentido, um instigante fato nos oferece um detalhe importante sobre a trilha que decidimos percorrer. Nota-se que em qualquer lugar no Brasil no qual um Happy Hour estiver acontecendo, os comportamentos relativos ao hábito parecem se estabelecer com uma semelhança incrível. Independente da idade, do nível socioeconômico ou da cultura local, pode-se claramente observar os mesmos padrões de ocorrência pelos seus freqüentadores. É como se houvesse algo anterior ao próprio hábito, e comum a todos, que orientasse essa orquestração de atitudes semelhantes.

Ingressando então nessa trilha de comportamentos padronizados, a primeira pista encontrada, refere-se ao fato de que de forma geral, o Happy Hour possui um

caráter cíclico de repetição. Mesmo desprovido de uma circunstância causal estabelecida, tem-se a certeza que ele será realizado novamente em breve sem que seja necessária a ocorrência de um grande fato motivador. Toda quinta-feira, a cada quinze dias, uma vez por mês, não importa o padrão de recorrência adotado, sabemos que ele será realizado e repetido novamente em um curto espaço de tempo. Uma recorrência aparentemente sem fim.

E o que agrega ainda mais ciclicidade ao hábito é o fato de que este é constantemente marcado pela presença das mesmas pessoas, sempre se encontrando mesmos lugares. Semana após semana, tem-se a certeza de que teremos os mesmos elementos essenciais simplesmente *reeditando* o que já foi feito há não muito tempo atrás. Nesse sentido, é curioso notar que geralmente os freqüentadores de um Happy Hour são exatamente as mesmas pessoas que já se vêem todos os dias e que acabaram de conviver por um dia inteiro de trabalho. Por esse motivo, também fica difícil estabelecer uma motivação estritamente racional por trás de um hábito de reencontrar pessoas que você já passou o dia inteiro junto, simplesmente para “jogar conversa fora”.

Sobre esse ponto, curiosamente a expressão “jogar conversa fora”, que por carregar esse sentido intrínseco de descompromisso ou despreensão, mostra-se extremamente equivocada. Em sua etimologia, a palavra “Conversa” vem de uma ampla família de derivados do Latim *VERTERE*, que significava “virar, voltar-se para” onde *CORVERSATIO* carregava o sentido inicial de “viver com, encontrar-se com freqüência”. Tem-se, portanto que a palavra “conversa” tem em sua origem etimológica um caráter essencialmente cíclico, como algo que volta a ocorrer como um compromisso freqüente. Ou seja, uma conversa não se apenas “joga fora”, pois ela demonstra intenção e compromisso, e por isso não pode ser descartada. No máximo, se *recicla de forma recorrente*.

Se o caráter cíclico é a primeira “migalha” que encontramos na trilha, uma segunda pista encontrada é a maneira como seus freqüentadores se comportam na ocasião. Observa-se que, de forma geral, todos que estão em Happy Hour parecem claramente saber o que podem e o que não podem fazer. Porém, não existe aqui nenhum combinado prévio sobre as “regras do jogo”, nem no momento que se decide por fazê-lo, nem no momento que se inicia a ocasião. Quando se está lá,

apenas se sabe o que precisa ser feito e como precisa ser feito. Um aparente “código de conduta” tácito da ocasião.

Assim, de forma aparentemente instintiva, todos os freqüentadores de um Happy Hour típico sabem quais assuntos são passíveis de discussão e qual o grau de intimidade e profundidade que se pode chegar. De forma análoga, o que vai ser bebido e comido também é pouco discutido. Cervejas e petisco estarão sempre presentes na grande maioria das mesas de uma ocasião como essa. E por fim, todos sabem que no final a conta será dividida entre os freqüentadores. Todas essas “regras” parecem estar bastante claras para quem está lá, e por isso ninguém as desrespeita ou as discute. É simplesmente chegar lá e *fazer o que tem que ser feito, da forma que sempre foi*. Uma regra implícita, praticada por todos sem questionamento.

Essa recorrência padronizada de comportamentos nos leva diretamente ao ponto conclusivo de que realmente os fatores motivadores e orientadores não podem ser meramente funcionais e racionais. O Happy Hour deve estar ocupando o papel de representação de algo diferente do que se apresenta simplesmente como um real observável. Apesar de Real e observável, este parece estar subjugado a uma ordem simbólica.

Mircea Eliade em sua obra “Mito do eterno retorno” diz que “Um objeto ou ato torna-se real apenas enquanto serve para imitar ou repetir um arquétipo. Assim, a realidade é alcançada unicamente por intermédio da repetição ou da participação”. Nesse sentido, tem-se então a indicação de que por trás de manifestação real, como o Happy Hour, possa haver na verdade uma mecânica de repetição sendo orientada por propriedades de um modelo arquetípico. Essa seria a força motriz e orientadora para a recorrência padronizada do ato.

A respeito dos modelos arquetípicos, Eliade completa que “tudo que carece de um modelo exemplar é “insignificante”, isto é, está destituído de realidade. Desse modo, os homens demonstram uma tendência no sentido de se tornarem arquetípicos e paradigmáticos”. O Happy Hour, por ser encarado como algo claramente “significante” em nossa sociedade, pode então ser tratado como uma decorrência da manifestação corrente dessa tendência natural humana de replicar paradigmas em seus atos. Vale notar que, aprofundando em um conceito semiológico do termo, por ser “significante”, indica que o ato tem a vocação de

carregar em sua forma diversos significados, fato que exploraremos na seqüência em momento mais oportuno.

Complementando esse ponto com os ensinamentos de Lacan, fica claro o fato de que o Happy Hour como sendo uma manifestação do Real, só pode ser completamente interpretado se compreendermos os códigos simbólicos que a ele estão conectados. Nesse sentido, seria como se o hábito fosse orquestrado por um “Grande Outro” que diz exatamente como tudo tem que ser feito e repetido. Uma *ordem anterior* que não pode ser abandonada ou ferida.

Ao mesmo tempo nota-se que, por manifestar-se como uma prática cíclica orientada por códigos simbólicos que remontam a uma tendência paradigmática, pode-se entender o Happy Hour como um hábito moderno que apresenta características compartilhadas de um Ritual. Ritual tem sua etimologia no latim RITUALIS sendo algo “relativo às cerimônias religiosas”. Esse significado é diretamente ligado ao sentido que costumamos utilizar a palavra em nosso dia-dia. De forma geral, toda vez nos referimos a rituais estamos nos referindo a alguma prática de caráter religioso ou místico. Algo, portanto, bastante conectado por uma dinâmica de um “Grande Outro”.

Entretanto, dando um passo atrás, o radical de RITUALIS vem do Latim RITUS, querendo significar “costume, uso”. Em sua origem, portanto, o conceito de ritual divide o mesmo campo de significados que o “hábito”. Temos então que, em sua essência, “Ritual” e “Hábito”, são conceitos-irmãos, referentes a algo que é praticado de forma constante e de comum prática.

Essa combinação etimológica de significados encadeados de RITUALIS E RITUS é bastante importante no aprofundamento do entendimento da questão que esse estudo aborda. Analisado sobre a ótica de um RITUS, o Happy Hour torna-se algo desprovido de significado maior, tornando-se apenas parte de um contexto social, um simples costume. Porém, analisado sobre a ótica de RITUALIS podemos aproximar seu entendimento como um sintoma da cultura, que por se assemelhar a um ritual de ordem cerimonial e superior, carrega um potencial de carga simbólica. Assim, para verdadeiramente compreendermos o comportamento é necessário então que retiremos o véu do “simples hábito” e liberemos todo o seu potencial de significação.

2.3 RITUAL COMO COMBUSTÍVEL DOS MITOS

Concentremo-nos agora em sua antes oculta face, a face simbólica, a sua face ritual: O Ritual do Happy Hour. Rituais (ou simplesmente ritos) é o conjunto de cerimônias e de regras cerimoniais praticadas dentro de uma religião ou cultura. Retomando o objetivo de nossa jornada, a questão que nos interessa aqui é qual a função e origem desses ritos e por que eles têm poder suficiente para se manter vivos de forma tão constante.

Sabemos que na história das civilizações os rituais têm papel central de “manter vivas” uma tradição, uma cultura, o pensamento de um povo ou religião. Os Ritos, como prática dominante em um sistema cultural, agem como a cola que une a geração presente com as gerações anteriores, garantindo dessa forma a consistência necessária para as gerações posteriores. Seu caráter anacrônico faz com que durante sua prática a relação dos praticantes com o tempo vigente seja relegada para um tempo relativo a uma ordem superior e anterior. Independente da época da história em que é praticado, o rito aproxima e une seus freqüentadores no tempo.

De forma geral, uma característica presente em todo ritual é o fato que ele acontece em função e em torno de algum elemento unificador. Esse elemento unificador pode variar de acordo com a cultura ou religião, mas geralmente é algo capaz de mover um grupo à ação e culto. Algo que se apresenta como anterior e superior. Algo inquestionável ou indiscutível. Um “Grande Outro” se preferir. Esse elemento unificador pode ser um animal, um local, um Salvador contanto algo que simbolize uma idéia, um pensamento, uma virtude a ser seguida e cultuada como exemplo pelos seus praticantes.

Essas idéias, valores e pensamentos cultuados pelos ritos são de forma geral representados e cultivados através dos mitos. Mitos são idéias simbólicas e sintetizante que adicionam um caráter psicológico e emocional profundo ao que se é cultuado. Como diz Mircea Eliade “os mitos preservam e transmitem os paradigmas, os modelos exemplares, para todas as atividades responsáveis ao que o homem se dedica”. Mitos são, portanto um elemento chave para determinarem-se os paradigmas envolvidos nos comportamentos de uma sociedade.

Os mitos, porém só tem vida a partir da prática dos Ritos. Sem a frequência dos ritos, o mito torna-se apenas uma forma abandonada de significado, uma alegoria sem uma função unificadora e paradigmática. Pode-se dizer, portanto que a prática dos ritos é que o que dá vida aos mitos em sua forma plena.

Dessa forma, se concluímos anteriormente que o Happy Hour apresenta características que o constituem como um Ritual, analogamente estamos afirmando que por trás de sua prática temos alguma estrutura de caráter mitológico sendo suportada. Esse fato mostra bastante conexão com as idéias apresentadas por Eliade, que diz que os atos humanos que não são gerados no automatismo, não têm seu significado e valor ligados ao seu simples existir físico, mas sim a sua propriedade de reproduzir um ato primordial, um exemplo mítico.

Temos assim que, toda semana, na repetição do ritual do Happy Hour, mais combustível estaria sendo dado a algum mito. Obviamente esse processo apresenta-se de forma oculta e velada já que, da mesma forma que o Happy Hour não é entendido com um ritual, não há também o entendimento do mito que está sendo suportado. Sobre esse ponto Mircea Eliade complementa dizendo que “alguns comportamentos míticos ainda sobrevivem sob nossos olhos. Não que se trate de “sobrevivências” de uma mentalidade arcaica, mas alguns aspectos e funções do pensamento mítico são constituintes do ser humano.”

Percebe-se, portanto que as sociedades modernas se libertaram da prática de rituais arquetípicos muito comuns pelos povos arcaicos, mas não de forma absoluta. Repetem comportamentos de forma instintiva, na repetição de gestos que inicialmente parecem vazios de significado, mas uma análise mais profunda consegue restabelecer conexões outrora perdidas pela sobreposição de sedimentos do tempo. Aparentemente, o homem moderno, não está inteiramente desplugado de uma repetição que evoca uma mitologia histórica, carregada de significados.

Assumindo que observamos uma crescente diminuição da prática religiosa nos dias atuais, percebe-se que de alguma forma o Happy Hour poderia ser algo que por substituição assumiria o papel de ritual, como algo que pela sua prática consiga que unir a sociedade em torno de um elemento unificador. Toda vez que pessoas se juntam para a realização de um Happy Hour mantém o mito vivo e com isso sua noção integrada de sociedade ou cultura. Assim, a recorrência padronizada

do ritual Happy Hour está então em função direta não de motivos racionais, mas sim da sustentação de uma estrutura essencialmente mitológica.

3 O MITO

3.1 DECODIFICANDO O MITO

Atingimos nesse ponto da jornada a necessidade de entender então qual o mito central sendo sustentado pelo ritual em questão. Qual mito estaria sendo cultivado através de muita cerveja e petiscos pós-expediente?

Para a detecção e decodificação mitos camuflados na sociedade moderna vamos recorrer ao método desenvolvido por Roland Barthes em sua obra “Mitologias”. Segundo Barthes, o mito pode ser entendido antes de tudo como uma fala, uma mensagem. Ele não é simples conceito ou idéia, mas sim um modo de significação ou uma forma. Essa forma, porém só se torna completa em sua função de mito a partir do momento que é preenchida por completo de “sociedade”, com seus devidos limites históricos e condições de funcionamento.

Para Barthes a decodificação de um mito depende diretamente da Semiologia, ciência que arquiteta a direta relação entre três termos: significante, significado e signo. De forma sintética, o significante é aquele que corporifica e exprime o significado e o signo é a correlação que funde ambos, sendo, portanto o total associativo dos dois primeiros termos.

A linguagem mítica se desenvolve dentro do que se pode chamar de cadeia semiológica, onde o mito é sempre um “sistema semiológico segundo”. Isso implica que o signo no primeiro sistema transforma-se num simples significante de um segundo sistema. Segundo palavras de Barthes: “Pode-se constatar, assim, que no mito existem dois sistemas semiológicos, um deles deslocado em relação ao outro: um sistema lingüístico, que chamarei de *linguagem objeto*, porque é a linguagem que o mito se serve para construir seu próprio sistema; e o próprio mito, que chamarei de *metalinguagem* porque é uma segunda língua, na qual se fala da primeira.”

A decodificação do mito necessita, portanto por definição ser realizada em duas fases, decodificando-se inicialmente a linguagem-objeto (sistema primeiro) para posteriormente aprofundar-se na metalíngua (sistema segundo), que constitui a linguagem do mito em si.

Barthes, porém ressalta que “refletindo sobre uma metalinguagem (mito), o semiólogo já não deve se interrogar sobre a composição da linguagem-objeto e já não deve se ocupar com o detalhe do esquema lingüístico: dele só terá de considerar o termo total ou signo global, e apenas na medida em que este termo se preste ao mito”. Isso se dá principalmente porque as matérias primas da fala mítica por mais diferentes que sejam inicialmente como linguagem-objeto, desde o momento que são captadas pelo mito, reduzem-se a uma pura função significante. O mito vê nelas apenas uma mesma matéria prima, uma forma para apoderar-se e associar a ela um novo conceito (significado) e por fim uma nova significação (signo mítico).

Sob esse aspecto, partimos para a jornada de decodificação mítica assumindo o Happy Hour como sendo o signo global e final do primeiro sistema. Tem-se assim, que o Happy Hour, da maneira como já anteriormente descrita, em sua totalidade de sentido e conceito amplamente difundidos na sociedade atual, serão num sistema segundo apenas uma forma, um significante na qual o mito irá tomar corpo.

Nota-se assim que esse significante do mito se apresenta de maneira ambígua, pois é simultaneamente sentido de um sistema primeiro e forma de um sistema segundo, sendo assim, completo de um lado e vazio do outro. Enquanto sentido, o significante já estava completo, postulando um passado, uma ordem de fatos, de idéias e decisões. Porém quando se torna apenas forma de um sistema segundo, o sentido afasta-se, a sua eventualidade esvazia-se, empobrece, a história evapora-se permanece apenas o corpo. A forma afastou toda essa riqueza e a sua pobreza presente requer uma significação que a preencha.

Tem-se então que o Happy Hour sob a ótica mítica não deixa de ser um Happy Hour como um evento observável, porém todos seus determinantes históricos e causais são evaporados pelo calor do mito. Para a completude do signo mítico é imperativo somar-se a essa forma vazia, um novo significado, um conceito que a possa transformar e completar uma nova significação.

Utilizando as palavras de Barthes, “a forma do mito não é um símbolo: é uma imagem vivida rica, espontânea, mas é uma presença submissa, distante; tornou-se com o transparente, virando cúmplice de um conceito”. O conceito (ou significado do segundo sistema) é assim a força motriz que se faz com que o mito ganhe vida e

seja proferido. Através da sua presença, é restabelecida uma nova cadeia de causa e efeito, onde novas motivações e intenções tomam conta da forma a qual se foi apoderada. A busca pelo entendimento completo do mito (signo mítico) passa obrigatoriamente pelo entendimento do conceito. Conhecido o conceito, teremos o mito decodificado.

Tomando, portanto, o significante “Happy Hour” como ponto de partida da nossa investigação, há de se lembrar que este, por ser uma “forma”, apresenta por obrigatoriedade uma estrutura constitutiva que se mantém inalterada seja qual for o conceito (significado mítico) aplicado a ela. Será sempre algo imutável e elementar que garante a sua existência plena como forma. Ela não negocia com o mito, sendo, portanto a estrutura em torno do qual o conceito se molda.

No caso do Happy Hour, inicialmente percebe-se que essa estrutura elementar supracitada é o que se pode chamar de “Coletividade”. Isso porque não existe um Happy Hour freqüentado por apenas uma pessoa. Não importando onde, quando e por quem é feito, para ele existir como forma, é necessária a presença de mais de uma pessoa. A “Coletividade” é assim elemento constitutivo obrigatório da forma e conseqüentemente também do conceito.

No processo de formação do conceito mítico, essa “Coletividade” da estrutura passa a adquirir uma nova intenção e ação tendo assim força necessária de constituir um mito. No Happy Hour do sistema segundo, essa forma passa, portanto a ser preenchida de um significado diferente do que simplesmente “encontrar amigos após o trabalho”, claramente detectado e já explorado no sistema primeiro.

Para determinar qual esse novo significado, retornaremos ao ponto inicial da nossa jornada onde coletamos “pistas” que denunciaram que a presença de “regras simbólicas” no hábito como sendo sintomas diretos da presença de um mito. Pode-se assumir que essas “regras” são uma causalidade direta dessa nova intenção de significado mítico aplicada sobre a forma estrutural da “Coletividade”. Ou seja, as regras simbólicas presentes são decorrência direta do novo conceito já aplicado como mito. Assim, decodificando a regra, decodifica-se o significado mítico.

Aprofundando nesse sentido, nota-se que na prática do ritual, a “Coletividade” estrutural é exercida no sentido direto de “Compartilhamento”. Por definição, “compartilhar” significa, ao mesmo tempo, fazer parte de algo e também dividir/partilhar algo. E essa é a regra do Happy Hour. Assim, todos que fazem parte

de um encontro como esse, agem de acordo com o princípio do “Compartilhamento”. Para participar de um Happy Hour, é necessário oferecer algo para ser compartilhado entre o grupo.

No grupo, tudo é compartilhado: histórias, confidências, opiniões, frustrações e expectativas. Mas não só isso. As bebidas e petiscos também são e geralmente apresentado e oferecidos sob uma forma coletiva onde todos comem e bebem da mesma coisa e ao mesmo tempo. Diferentemente de um restaurante, onde cada um escolhe o seu prato, durante um Happy Hour a pedida é obrigatoriamente coletiva e compartilhada. Todos irão comer e beber do mesmo.

Percebe-se então, na medida em que a forma vai vagarosamente assumindo sua face simbólica e, portanto mítica, o Happy Hour não demonstra a “Coletividade” somente como a presença de várias pessoas na ocasião, mas sim pela maneira com que esse grupo age e interage. A regra que o mito começa a impor é que, quando em grupo, tudo deve ser dividido.

Dentro dessa regra do “compartilhamento”, nota-se, porém que um dos comportamentos apresentados parece ser ainda mais revelador para a completude de nossa jornada de decodificação mítica: o processo de divisão da conta. Diz-se popularmente que “o bolso o órgão mais sensível do ser humano”. Na prática, isso não está muito equivocado com o que se observa no dia-a-dia. Por diversos motivos que não cabem nesse estudo, nota-se uma super valorização do dinheiro na sociedade moderna, onde ele é a significação direta e múltipla de felicidade, sucesso e competência. Como ele é um bem material escasso e não disponível de forma igualitária, de forma geral, pode-se afirmar que na sociedade hiperindividualista em que vivemos, dinheiro é algo que não se divide. Uma prova disso é a baixo número de doações e contribuições para os mais necessitados mesmo entre as classes mais abastadas.

De forma paradoxal, quando em um Happy Hour, a relutância que a divisão do dinheiro exerce numa situação normal parece dramaticamente relativizada. Isso porque, a conta do Happy Hour é dividida entre os presentes de forma igualitária. Não importando o que e quanto cada um consumiu tudo é dividido de forma igual. E como mais uma vez estamos tratando de regras orientadas por um código simbólico, esse processo acontece também de forma natural, de maneira aparentemente pré-estabelecida. Não há uma discussão entre os presentes sobre quanto seria o justo

ou certo de ser pago por cada um. Isso já está implícito dentro do ritual. Ouve-se bastante o ditado “sentou, sorriu, a conta dividiu”. E o que acontece na prática é exatamente isso. Se você está sentado num Happy Hour e dividiu momentos de alegria com o grupo, você fará parte da divisão da conta sem questionar.

Esse detalhe demonstra que o código simbólico derivado de um mito que impera dentro de um Happy Hour é maior do que um simples “compartilhamento”, já que esse apenas comporta a idéia de fração ou divisão. A regra simbólica e imperativa do Happy Hour é a do “compartilhamento de forma igual”. E isso não vale somente para a conta, mas para tudo que compõe a situação. Não se partilha uma história ou opinião com alguém da mesa se a outra pessoa não estiver disposta a fazer o mesmo. Não se pede uma comida que não venha em “porções”, já vindo disposta em pedaços igualmente divididos.

Temos assim que o “compartilhamento de forma igual” é então, a regra simbólica que se configura como sintoma do mito. Sobre esse ponto, Barthes determina que se a intenção de um estudo é decifrar os mitos, é necessário ir além, sendo necessário nomear conceitos. Entende-se por conceito, um significado claro e sintético que represente a idéia que o mito comunica, indo portanto na origem do sintoma mítico detectado.

Nesse sentido, o conceito que melhor representa o mito por trás da regra do “compartilhamento de forma igual” é “Comunhão”. Essa é uma palavra que tem origem indo-européia, KOMOIN, apresentando sentido de “compartido por todos”. Em Latim deu origem a COMMUNIOS, que significa o ato de desenvolver alguma coisa em conjunto e que tem mesma a raiz etimológica origem ao adjetivo “comum” em português. Na atualidade, segundo o dicionário Aurélio, comunhão apresenta também o sentido figurado de harmonia no que diz respeito à no modo de sentir, pensar e agir. Harmonia remete a equilíbrio, combinação, coerência, concordância. Fato é que todo esse vasto campo de significado faz que a Comunhão seja uma eficaz definição para descrever o mito.

Happy Hour representa, portanto o mito da “Comunhão”.

Conclui-se nesse ponto, que toda vez que companheiros de trabalho se juntam em um bar para um Happy Hour, temos uma cadeia semiológica sendo ativada para geração do mito. Num sistema primeiro, temos pessoas relaxando após

um dia de trabalho. Porém num sistema segundo, tem-se a celebração de um ritual de “Comunhão”, um ritual sobre a harmonia orquestrada do coletivo compartilhado.

É necessário, porém reforçar nesse ponto as palavras Barthes: “De fato o saber contido no conceito mítico é um saber confuso, constituído por associações frágeis e ilimitadas. Pode-se dizer que a característica fundamental do conceito mítico é a de ser apropriado”. Isso faz com que tenhamos que entender o mito apenas como um valor que portanto não apresenta sua verdade como sanção. Como o seu significante tem duas faces, sempre vai dispor de um “outro lado” que persiste na conservação do real.

Se o conceito do mito é apenas um valor atribuído a uma forma, é necessário algo anterior que determine a motivação para a atribuição desse valor dentre as diversas possibilidades existentes. Atingimos assim o coração do princípio do mítico: é a história que fornece as suas analogias à forma. Barthes conclui que “a mitologia só pode ter um fundamento histórico, visto que o mito é uma fala escolhida pela história: não poderia de modo algum surgir da “natureza” das coisas. ”A história condiciona o mito em dois pontos: na sua forma, que é apenas relativamente motivada e no seu conceito que é histórico por natureza.

Porém, vale destacar que o mito apesar de ter sua gênese fomentada pela história, não se encerra nela. Ele a transcende e sobrevive. A função expandida do mito acaba por ser a de transformar uma intenção histórica em natureza e por consequência transformar uma eventualidade em eternidade. Isso porque o mito mantém sua vida eterna “re-corporificando” seu conceito às formas disponíveis nos diversos contextos, passando então a ser entendido como natureza de onde se insere. Tudo isso o torna mais perene do que a história, que passa a ser apenas fenômeno pontual no tempo e em muitos aspectos meramente descritivo.

A história cria o mito, mas o mito sobrevive à história.

3.2 AS RAÍZES HISTÓRICAS DO MITO

Em nossa jornada que possui a pretensão de buscar um entendimento completo sobre o sentido mitológico de um Happy Hour, percebe-se nesse momento que esta não pode ser encerrada apenas na nomeação de um conceito mítico culturalmente atribuído a uma forma. Atingimos um ponto onde se torna mandatário

iniciar uma nova busca ainda mais profunda. Uma busca sobre as raízes históricas que originam e motivam a existência desse conceito. Só assim será possível compreendermos por completo a força que esse mito carrega e o que o torna suficientemente relevante para se configurar-se como uma prática viva e tão presente em nossa sociedade.

Sobre essa dinâmica de investigação mitológica, recorrendo novamente à Barthes, este sugere um “... estudo diacrônico dos mitos quer submetendo-os a uma retrospectiva (fundando assim uma mitologia histórica), quer seguindo alguns mitos de ontem até sua forma atual (fazendo assim história prospectiva).” Partimos então do pressuposto que qualquer mito tem sua gênese em algum momento da história e ao longo dela vem se reeditando se incorporando em diferentes formas, mantendo sua validade e perenidade.

Esse entendimento tem forte confluência com as idéias apresentadas na obra de Mircea Eliade, especialmente em sua obra “O Mito do Eterno Retorno”. Para Eliade, nenhum acontecimento que experienciamos em nossa vida é único e acontece apenas uma vez, já que nossa dinâmica em relação ao tempo é sempre cíclica e se mostra como uma repetição constante de comportamentos, situações e pessoas. Utilizando as próprias palavras de Eliade: “Ao conferir ao tempo uma direção cíclica, anula-se sua irreversibilidade. Tudo começa de novo, no princípio, a cada instante. O passado nada mais é do que uma prefiguração do futuro.”

Eliade chama essa repetição cíclica de o “Eterno retorno”. Esse “eterno retorno” é caracterizado pela repetição de um gesto arquetipo projetado sobre todos os planos – cósmico, biológico, histórico e humano. Isso nos leva a compreensão de que os atos perfigurados em nosso objeto de estudo são meras emulações de um ato primordial antepassado. Algo que por ter suficiente força histórica, é capaz de gerar o mito e, por configurar-se como mito, está sujeito ao eterno retorno.

O entendimento sobre o “eterno retorno” só é completo sob duas faces. Na primeira, novamente voltamos ao ponto de que ao executar os rituais (gestos arquetipicos) estamos mantendo o mito vivo. O mito precisa da repetição de atos e gestos para manter sua existência e relevância no contexto. Na segunda face, entende-se que o mesmo conceito mítico (significado) pode ser, ao longo da história, reeditado e revivido assumindo diferentes formas, e mesmo assim apresentando a mesma essência e partilhando da mesma origem remota.

Esse acreditou ser o caso do Happy Hour e o mito da Comunhão. O Happy Hour em sua forma presente e observável é algo relativamente novo na sociedade. Porém, o conceito mítico que representa e os atos ritualísticos ligados a sua prática não são. Ambos são uma materialização presente que provam a ocorrência do “eterno retorno”, devolvendo à nossa experiência cultural corrente o mito da Comunhão.

Assume-se, por conseguinte, que ao longo da história humana, a Comunhão como conceito mitológico, deve ter sido reeditada diversas outras vezes, sempre se apropriando das disponibilidades de forma presentes no contexto cultural. Se Comunhão é mito, ela tem o direito (e, portanto a obrigação, como diria Lacan) de retornar eternamente. E sempre através de rituais.

Aproximando-nos novamente da significação de um ritual como RITUALIS (algo relativo à ordem religiosa), torna-se então irresistível aproximarmos o entendimento da origem e histórica do “eterno retorno” do mito da Comunhão com a mais próxima e conhecida associação: a da Religião Católica. De maneira geral, podemos afirmar que todas as principais narrativas religiosas passam pela edição e reedição de mitos. Assim como em qualquer outra religião, o Catolicismo é uma grande fonte de mitos. Além disso, no caso específico das civilizações do ocidente, podemos também afirmar que o Catolicismo exerceu grande força cultural nos últimos 2.000 anos, oferecendo dessa forma um terreno fértil para que se possa cultivar o eterno retorno de um mito.

A “Comunhão”, dentre as passagens da narrativa bíblica, é apresentada como parte de um episódio conhecido como a Santa Ceia, Última Ceia ou também Ceia do Senhor. Nessa épica passagem, Jesus realiza a sua última refeição junto aos seus 12 apóstolos, antes de ser traído por Judas e levado pelos romanos para sua crucificação. O ponto central desse episódio ocorre quando pão e vinho são repartidos entre os apóstolos conforme narrado em Lucas 22:19-20.

Tomando o pão e tendo dado graças, partiu-o e deu aos discípulos, dizendo: Este é o meu corpo que é dado por vós; fazei isso em memória a mim.

Depois da ceia tomou do mesmo modo o cálice dizendo: Este cálice é a nova aliança em meu sangue, que é derramado por vós.

Após a saída de Judas Iscariotes do local onde se realizava a ceia, Jesus conta aos demais apóstolos que ele irá permanecer com eles por um curto período de tempo apenas e lhes oferece um novo mandamento que possui uma função central no estabelecimento da moral cristã conforme narrado em João 13:34-35: “Um novo mandamento vos dou, que vos ameis uns aos outros; assim como eu vos amei, que também vos ameis uns aos outros. Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos, se tiverdes amor uns aos outros.”

Fica claro que a “Comunhão” se faz presente no episódio da Santa Ceia de duas formas complementares e igualmente essenciais à força do episódio: no ato de Jesus tornar comuns seus últimos pensamentos e mandamentos, como também no ato de repartir pão e vinho (significando seu corpo e sangue) entre seus apóstolos.

Para São Tomás de Aquino, a Comunhão junto com a Crucificação formam o ápice do ensinamento cristão que provém muito mais de demonstração da graça intrínseca do que poder externo visível e demonstrado. Segundo ele, a Santa Ceia ensinava pelo exemplo, mostrando o valor da humildade e do auto-sacrifício ao invés da demonstração de poderes milagrosos.

Na Igreja Católica, a Comunhão, também conhecida como Eucaristia, é um dos seus Sete Sacramentos e que por ser um ritual (... RITUALIS...), procura manter vivos não só ensinamentos, mas como também o próprio mito de seu Salvador. A Eucaristia é a celebração em memória da morte e da ressurreição de Jesus Cristo. Nessa manifestação, as igrejas geralmente repetem os atos que Jesus Cristo fez na sua Última Ceia, onde a hóstia (pão) é visto com o corpo de Cristo sem pecado, que Ele ofereceu na cruz sem resistência e vinho é seu sangue derramado para a remissão da humanidade condenada ao pecado. De acordo com a fé ortodoxa cristã, os fiéis assumem que a substância do corpo e do sangue de Jesus estão presentes na hóstia e no vinho, como resultado da transubstanciação.

Aqui, da mesma forma que todos os demais rituais arquetípicos de outras culturas e religiões, sua prática sempre ocorre de forma periódica, em ciclos que podem ser semanais, mensais ou anuais. Sobre isso, Eliade comenta: “De fato o ano litúrgico cristão baseia-se numa periódica e real repetição do nascimento, paixão, morte e ressurreição de Jesus, com tudo o que esse drama místico implica para um cristão; isto é, a regeneração pessoal e cósmica através da reatualização *in*

concreto do nascimento, morte e ressurreição do Salvador”. A Páscoa cristã celebra esse ciclo todos os anos.

Assim, pelo papel central que “Comunhão” exerce na Religião Católica, podemos afirmar que ela se credencia como uma fonte mítica suficientemente poderosa para constituir-se como origem e para abastecer de significado a forma objeto de nosso estudo. Pode-se inferir que com sua prática litúrgica cíclica, o conceito do mito se manteve vivo mesmo após dois milênios, abastecendo-se de força como um “dínamo mítico”: quanto mais é praticado em sua forma original, mais força o seu conceito adquire, mantendo-o suficiente energizado para reencarnar em outras formas diversas.

Entretanto, convém lembrar que só chegamos até esse ponto de nossa jornada apoiados nas muletas do “eterno retorno”. Se pretendemos a partir de agora caminhar com nossas próprias pernas, assumindo a Comunhão Católica como a fonte primária para o entendimento completo do mito, devemos primeiramente comprovar que sua própria existência como mito é também o retorno de mitos anteriores. Como uma equação matemática (e porque não *mitemática*?) que retrocede sem fim, se o Happy Hour possui elementos que o caracterizam como uma reencarnação mítica da Comunhão Católica, esta própria deveria possuir elementos que a constituem como a reencarnação de algum mito anterior a ela.

Vale destacar que foge do escopo desse estudo nos aprofundar na arqueologia do mito ao ponto de atingirmos a origem primordial da “Comunhão” como mito. Porém se conseguirmos apenas “voltar algumas casas” na história do mito, já conseguiremos uma provas elementares que confirma a validade do modelo de seu “eterno retorno”.

Nesse sentido, o caminho primário e até intuitivo a ser explorado é o das raízes do Cristianismo. No momento e contexto em que o Cristianismo floresceu no Oriente Médio, a religião monoteísta mais praticada era o Judaísmo e são incontáveis as influências que uma religião exerceu na outra. Convergindo para o nosso objeto de estudo, podemos associar diretamente a celebração da Comunhão à Páscoa Judaica, sendo assim os judeus a principal influência direta sobre grande parte dos elementos presentes no ritual cristão. Apesar de celebrarem fatos diferentes de sua teologia própria (a Comunhão reencena a Santa Ceia e a Páscoa Judaica celebra o êxodo dos filhos de Israel do Egito), pode-se notar a presença de

elementos estruturais comuns em ambos os rituais, principalmente no relacionado ao uso do pão e vinho como símbolos centrais da celebração.

Entretanto, retrocedendo um pouco mais, vemos que os próprios rituais da Páscoa no Judaísmo são fruto provável do seu contato com o helenismo da cultura greco-romana que levaram a introdução do vinho (Dionísio/Baco) e pão sem fermento (Zoroastrismo) no ritual. Nota-se assim que o mito da Comunhão Católica se apropriou dos significados judaicos, já mesclados com o paganismo para instituir o seu significado próprio, onde pão e vinho passariam a significar corpo e sangue de Jesus. E é nessa “nova” significação que fica clara a extremamente forte influencia religiosa dos mitos Greco-Romanos na constituição do mito da Comunhão, principalmente no que envolvem o conceito da Teofagia.

Teofagia é a pratica de simbolicamente ingerir o corpo de um Deus através de um alimento (encarnação simbólica) e com isso assumir sua força e o caráter. Os vestígios dessa prática de teofagia se apresentam claramente na Comunhão cristã, no contexto da Santa Ceia onde Jesus divide com seus apóstolos pão e vinho com símbolo de seu corpo. Assim, através de uma transposição inspirada nos rituais da mitologia greco-romana, ato de beber o sangue de Dionísio/Baco - que era o vinho - passou a ser o de beber o sangue de Cristo.

Com isso conclui-se que o mito da Comunhão, como apresentado através do episódio da Santa Ceia, não é um conceito novo e inteiramente instituído pela Religião Católica. Parte central de seus elementos configura-se como a apropriação e reedição de mitos anteriores, demonstrando dessa forma sua meta-vocação para o “eterno retorno”. Ao mesmo tempo em que sua existência representa o retorno de algo anterior, oferece-se também como matéria prima base para outros mitos conseguintes.

3.3 HAPPY HOUR COMO REENCENAÇÃO DA SANTA CEIA

Partimos agora para a última e conclusiva parte de nossa jornada. Inicialmente detectamos o Happy Hour como um sintoma da cultura presente sob a forma de um ritual que celebra o mito da Comunhão. Na seqüência, apoiados no “Eterno Retorno”, identificamos que esse mito poderia estar diretamente associado à Comunhão Católica e a Santa Ceia. Devemos agora realizar o cruzamento das

informações levantadas e nos aprofundar em evidências que possam ressignificar de fato o Happy Hour como uma reencenação mitológica (e semanal) da Santa Ceia.

Retomando as próprias palavras de Jesus nos Evangelhos de Marcos, durante o ritual da Santa Ceia, ele disse: “Façam isso em memória a mim”. Há então dentro do próprio mito originário católico a presença de uma clara orientação para que aqueles atos ritualísticos fossem repetidos, e mais do que isso, fossem repetidos em memória ao Salvador. O fator de repetição arquetípica está inclusa dentro do próprio como uma meta-instrução.

Nesse contexto, podemos dizer que temos o que Mircea Eliade chamaria de “*Imitatio dei*”. Segundo ele, a mensagem do Salvador é algo que antes de qualquer coisa um exemplo que exige imitação. Em suas palavras, “A humildade é apenas uma virtude; mas a humildade praticada conforme o exemplo do Salvador é um ato religioso e um meio de salvação”. Portanto o saber prévio religioso presente em nosso mito praticamente estaria se impondo como uma obrigatoriedade de ser seguida e replicada. Todo o ensinamento presente na Santa Ceia deveria ser repetido para aproximar o homem do divino através de suas virtudes.

As virtudes ensinadas na passagem da Santa Ceia como igualdade e amor ao próximo, podem ser claramente notadas na forma com que o código de relacionamento é estabelecido entre os freqüentadores de um Happy Hour. Isso vai de total encontro a já citada forma igualitária com que tudo é dividido em um Happy Hour (inclusive a conta), sendo, portanto uma demonstração da prática dessa virtude. Ao praticar isso, estaríamos demonstrando o entendimento da virtude ensinada pelo Salvador, nos aproximando, portanto de uma vida sem pecado. A prática do compartilhamento de forma igualitária demonstra em ações a idéia de que somos todos iguais e que todos devem amar uns aos outros.

Dentro desse ponto, nota-se também que este código simbólico de conduta está sendo diretamente amparado pela presença de um Real que organiza e equaciona a situação impedindo seu “desvirtuamento” para os menos habituados. De maneira geral, vemos que as mesas de um bar para Happy Hour são quadradas, distribuindo, portanto os freqüentadores de forma equilibrada e em lados iguais. Isso garante que todos nesse ritual tenham posição e importância semelhante, sendo portanto, equilibrados pelo Real para uma entrega simbólica atrelada a uma virtude apresentada pelo mito.

Junto a isso, podemos também destacar que o próprio hábito de sentar-se a mesa não pode passar despercebido. Além de possuir semelhança com o ato mitológico primordial da Santa Ceia, o “sentar” indica compromisso, indica disposição, estando portanto, simbolicamente “inteiro” no local e pronto para o ritual. Nota-se também que a posição sentada é, em relação à mesa, voltada para dentro. Percebe-se que esse tipo de posição, voltada ao centro, é ato freqüente em cultos religiosos onde há um Deus sendo cultuado ou repartido.

Dessa forma, a presença do real em um bar acaba por organizar a experiência no mesmo sentido do caráter de sacrifício ritual citado anteriormente como simbolicamente presente no mito da Santa Ceia. Essa composição de elementos está diretamente ligada ao processo de configuração de atos mitológicos que Eliade explica da seguinte forma: “Como primeiro passo, a realidade do lugar é garantida por intermédio da consagração do terreno, isto é, por sua transformação em um centro; então, a validade do ato de construção é confirmada pela repetição do sacrifício divino”. Ou seja, em um Happy Hour, todos que se sentam ao redor de uma mesa, estão de forma mitológica reencenando o mesmo papel dos Apóstolos de Cristo, que voltados ao centro, cultuando o seu Salvador através do sacrifício simbólico do pão e vinho.

Com esse “sacrifício” sendo simbolizado na Santa Ceia pelo ato de repartir o pão e vinho, podemos traçar diretamente um paralelo com o ato do compartilhamento de alimentos ou bebida entre os presentes em um Happy Hour. Como já explicitado anteriormente, nota-se que no Happy Hour, todos comem e bebem da mesma coisa, assim como Cristo fez e propôs.

Há de se notar com isso, o curioso fato de que a bebida mais consumida nos bares em Happy Hours ser a cerveja. Como é de conhecimento geral, a cerveja é feita de cevada e, por esse ser o mesmo ingrediente dos pães, era conhecida também na Idade média como “pão líquido”. Ou seja, dividir uma garrafa de cerveja em um Happy Hour, é apenas mais uma forma de repartir o pão!

Além da cerveja, as bebidas destiladas como uísque e vodka vêm ganhando importância na ocasião. Comumente a presença dessas bebidas se dá pela presença de uma garrafa de bebida ao centro da mesa. De maneira racional, esse hábito assume essa posição “de centro” por emprestar de forma metonímica status e diferenciação a quem esta bebendo. Porém, pode-se notar que mesmo nesses

casos, a presença do mito da Santa Ceia é ainda mais forte. A bebida se apresenta fisicamente ao centro da mesa (como um Deus sendo cultuado) e é obrigatoriamente dividida entre os presentes já que, salvo exceções de tendências alcoólatras, é impossível de ser consumida sozinha. Temos aqui, um Deus “engarrafado” ao centro da mesa, que por possuir poderes mágicos, pode ainda “emprestar” destaque aos seus cultuadores.

Vale notar que seja no caso da cerveja ou no caso das bebidas destiladas, o ato de beber está completamente desassociado com a necessidade funcional de “matar a sede”. É fato que nenhuma pessoa possui tanta sede ao ponto de tomar cinco ou seis copos de cerveja num período de tempo de 2 horas. Por esse motivo, temos explicitado novamente a presença de um caráter simbólico e ritualístico que o ato de beber exerce dentro da ocasião.

Outro fator que merece destaque nessa análise é o clima de descontração e animação que é gerado como produto desses encontros. Poderíamos definir que o sentimento compartilhado por todos durante e após um Happy Hour é o “entusiasmo”. Entusiasmo é uma palavra que tem em sua etimologia o sentido de “colocar um deus pra dentro” ou mesmo “ingerir um Deus”. Temos aí mais uma curiosa coincidência que apresenta o ritual como uma reencenação mitológica de sacrifício teofágico. Happy Hour é o ritual do entusiasmo compartilhado onde se pratica o sacrifício em homenagem às virtudes de Deus.

Na versão moderna do mito, esse “entusiasmo compartilhado”, ao invés de ser realizado entre os Apóstolos, é realizado entre *companheiros* de trabalho. Em mais uma incursão etimológica, temos que a palavra Companheiro vem do latim COMPANNIS, que curiosamente carrega o sentido de “dividir o pão”. Em Roma, dizia-se *companio*, derivado de *cum panis*, aquele com quem se repartia o pão. Ou seja, em sua origem o companheirismo exercido está intimamente ligado ao ato de dividir o pão. E nesse sentido ampliado, você só reparte o pão com quem confia. Essa confiança pode ser facilmente transposta ao mito da Santa Ceia, onde só sentaram a mesa com Cristos seus apóstolos dignos de confiança.

Entretanto, se o contexto diz respeito à confiança, ao resgatarmos por completo a mitologia da Santa Ceia, além do ato simbólico do compartilhamento do pão e vinho, há também um importante papel exercido por Judas. A presença de

Judas, como sendo o vilão, aquele que delata e entrega o Salvador aos carrascos, é igualmente importante para a força do mito.

Nota-se a partir disso, a presença de um grande paradoxo na representação simbólica do ritual. Apesar de todos estarem em “Comunhão”, compartilhando alimentos e bebidas de forma igual, homenageando as virtudes do criador, existe sempre o pressuposto tácito de que existe alguém na mesa que performará o seu papel de Judas. O traidor, aquele que não comunga dos mesmos valores e intenções. E de fato, para que o mito seja completamente reencenado por completo, alguém que foge ao código tem que estar presente na mesa.

É por isso no Happy Hour, ao mesmo tempo de que nunca existe abertamente uma discussão sobre a forma de conduta do compartilhamento, existe também uma tensão de que alguém não cumpra com esse código. Isso porque, como tudo é simbolicamente dividido, mas não discutido abertamente no nível Real, a tensão está ligada ao fato de alguém burlar esse código e tirar proveito da situação, pedindo algo mais caro, algo que não pode ser repartido ou algo que atenda somente aos seus interesses pessoais. Está aí estabelecida a grande tensão oculta no Happy Hour. Todos estão juntos pelo mesmo objetivo da Comunhão, mas sabe-se que Judas pode (ou deve) aparecer a qualquer momento. Durante a narrativa da Santa Ceia, Jesus já anunciava que um dos que estava à mesa iria cometer uma traição.

Uma curiosidade sobre Judas é que é a ele atribuída a origem da superstição em torno do número 13. Segundo a tradição, Judas foi a 13ª pessoa a chegar à Santa Ceia (12 apóstolos + Jesus), sendo, portanto aquele que trouxe coisas ruins ao grupo.

Disso percebe-se que o porquê de maneira geral as pessoas não se sentem confortáveis para pedir o que realmente gostariam, já que nesse sentido não querem ser vistas como Judas, aquele que trai o código. Nota-se, portanto um processo de vigilância tácita, onde todos os participantes vigiam e são vigiados. Seguindo os ensinamentos de Lacan vemos nisso uma direta conexão com o conceito de que a “Demanda de justiça é a última instância”. Ou seja, é melhor que todos sejam privados de seus desejos (inclusive eu), do que alguém tenha sozinho mais que os outros.

Vemos que a partir disso, quando alguém se desapega declaradamente dos códigos da situação, fica claro o desconforto gerado na mesa e se inicia uma “espiral de destruição” completa do ritual. Cada um, entendendo que alguém está se aproveitando da situação, começa também buscar tirar algum proveito da situação, pedindo, por exemplo, coisas mais caras sem importar-se mais com as regras que regem o encontro. É quebrada nesse momento, a conexão entre forma e conceito. É quebrado o mito.

Sem comunhão não há o mito. E sem o mito, não há Happy Hour.

Conseguimos, portanto estabelecer de forma breve um claro paralelo entre atos praticados a Santa Ceia e o Happy Hour. Podem-se detectar diversas semelhanças sustentadas pelo nível Real e Simbólico. Isso, porém ainda não explicita as razões pelas quais o Happy Hour tornou-se um mito tão corrente e praticado em nossa sociedade.

Retomando o início da nossa jornada, naquele momento tomamos como ponto de partida às explicações e motivações racionais. A primeira delas pode ser verbalizada como “*matar o tempo*” para esperar o trânsito diminuir. Dentro desse novo contexto de significação mitológica, percebe-se que “matar o tempo” é uma expressão que não pode passar incólume de um novo sentido, pois tem potencial de adquirir automaticamente uma significação ampliada.

Segundo Eliade, “Um segundo aspecto do eterno retorno é a abolição do tempo por meio da imitação de gestos paradigmáticos. Um sacrifício, por exemplo, não só reproduz com exatidão o sacrifício original, revelado por um Deus ad origine, no princípio dos tempos, mas também é realizado naquele mesmo momento mítico primordial; em outras palavras, cada sacrifício realizado repete o sacrifício inicial e coincide com ele. Todos os sacrifícios são levados a cabo no mesmo instante mítico do princípio; por meio do paradoxo do rito, ficam suspensos o tempo e a duração profanos.”

Assim, o “matar o tempo” no Happy Hour mítico não é simplesmente o ato de esperar o tempo passar. Ele deve ser tratado como ato mitológico que se dá para reviver os atos de seu Salvador, transportando seus praticantes para época mítica em que a Revelação teve seu lugar, abolindo implicitamente o tempo corrente e a história. Segundo Eliade, essa suspensão do tempo profano (que podemos chamar

aqui de trabalho, rotina, etc.) corresponde a uma profunda necessidade do homem que periodicamente tentar abolir a história através de atos mitológicos.

Se toda morte é um recomeço, o “sacrifício” mitológico aqui presente adquire também uma segunda finalidade, a de restaurar a unidade primordial, aquela que existia nos tempos das revelações cristãs. Se levarmos em conta o contexto pós-moderno em que vivemos, onde a liquidez corrompeu os alicerces sustentadores dos valores e moral, essa abolição do tempo e retorno ao primordial tem claro potencial para possuir um grande apelo. Pode-se claramente encontrar valor em um ritual que recupere e devolva certeza e tranqüilidade para mentes desorientadas. A encenação do mito representaria dessa forma o desembarque uma ilha de valores e moral, cercada por um mar de intranqüilidade e incertezas.

Sobre esse processo Eliade conclui, “Em virtude desse ponto de vista, dezenas de milhões de homens, século após século, foram capazes de suportar enormes pressões históricas sem se desesperar, sem cometer suicídio, nem cair naquela aridez espiritual, que sempre traz consigo uma visão relativista ou niilista de história“. Em seu profundo sentido mitológico, o Happy Hour goza desse poder.

Somada à questão da “morte do tempo”, uma segunda explicação racional comumente atribuída ao Happy Hour é o “relaxar ou des-estressar”. Para seus freqüentadores, o Happy Hour tem uma função regenerativa após um dia inteiro de trabalho. É interessante notar que Trabalho é uma palavra que traz em sua raiz etimológica o latim TRIPALIUM. Nos tempos antigos, Tripalium era um chicote de três pontas, utilizado em castigos romanos (... de novo os romanos punindo os Cristãos...) Ou seja, se trabalho é por origem um castigo, ir para um Happy Hour é um ato que está diretamente está ligado à diminuição do sofrimento infligido.

Dentro do quadro de interpretação de mitos, Eliade coloca que “Os sofrimentos do homem eram em principio vinculados aos de um Deus. Qualquer sofrimento poderia ser tolerado, se o drama de Tammuz (deus antigo) fosse lembrado. Afinal, esse drama mítico recordava os homens de que o sofrimento nunca é final, que a morte sempre se faz seguir da ressurreição; que cada derrota é anulada e sobreposta pela vitória final”. Assim, o sofrimento é algo que nos faz aproximar do verdadeiro Deus, já que durante nossa rotina nos afastamos dessa pratica, buscando realização através de consumo, imagem e carreira.

Essa direta relação de mitos com sofrimento e regeneração torna-se ainda mais clara em nosso paralelo com o Cristianismo. Uma das características principais e definidoras do Cristianismo é o fato de atribuir valor ao sofrimento, através do mecanismo simbólico de transformar a dor, de uma condição negativa, em uma experiência dotada de conteúdo espiritual positivo. Assim, se é possível tolerar esses sofrimentos, é precisamente porque eles não pareciam ser gratuitos, nem arbitrários.

Sobre isso, Eliade coloca que “O centro da vida religiosa cristã é constituído pelo drama de Jesus Cristo. Embora representado na história, esse drama possibilitou a salvação; conseqüentemente, existe apenas um meio de se obter a salvação: repetir esse drama exemplar e imitar o modelo supremo, revelado pela vida e pelo ensinamento de Jesus”.

Dessa forma, toda vez que unidos em um Happy Hour, estamos unidos em nome do ritual da Santa Ceia, lembramos do início da Paixão de Cristo e com isso de todos os infortúnios e sofrimentos que se seguem. Se Jesus pode resistir e nos ensinar, aprendamos com esse sofrimento e que isso nos faça mais tolerantes a nossa própria condição. O Happy Hour não impede que o tempo avance, mas ele “zera o placar”, nos lembrando de que o sofrimento pelo qual passamos diariamente tem uma função e não é maior que do que o sofrimento de Cristo.

Assim, se todo Happy Hour é uma reencenação mítica da Santa Ceia, ele é também uma celebração simbólica ao sofrimento compartilhado (sim, acabamos de descobrir que mais uma coisa é compartilhada!). E nesse ritual, é indispensável à realização de um sacrifício simbólico, realizado como maneira de retornar a um tempo de virtudes superiores e sagradas que nos ensinam a tolerar a nossa própria condição.

4 CONCLUSÃO

Após uma intensa jornada de investigação mitológica, concluímos que o ato de juntar companheiros de trabalho ao final de expediente representa algo maior do que costumeiramente observamos em nosso dia-a-dia. Apesar de completamente oculta pelos sedimentos da sociedade, sua função de ritual está diretamente associada ao mito da Comunhão presente na Santa Ceia e por esse motivo exerce grande poder de atração e repetição. Assim, enquanto temos pessoas conscientemente e racionalmente apenas esperando o trânsito passar, inconscientemente temos o resgate dos valores essenciais presentes nos ensinamentos cristãos e uma aceitação regenerativa contra um sofrimento inerente ao fato de fazer parte de uma sociedade capitalista moderna.

Podemos afirmar que o Happy Hour constitui-se como um dos rituais essenciais para a orquestração da harmonia e manutenção do modelo adotado por nossa sociedade atual. Através de sua prática, são estabelecidas e mantidas “pontes” de relação interpessoal baseadas em valores como igualdade e confiança, sendo nessa instância superiores do que as “patentes” freqüentemente utilizadas para categorizar as pessoas como diferentes entre si. O que a sociedade separa, o Happy Hour reúne.

Ao mesmo tempo, a prática do Happy Hour age como um bálsamo curativo nas feridas causadas pela pressão antinatural que o trabalho exerce sobre as pessoas. O ambiente competitivo e de ritmo frenético que o mercado de trabalho imperativamente exige é relativizada pela repetição previsível de atos de Comunhão que são inconscientemente inspirados na resiliência e sabedoria de Cristo perante seu sofrimento. O que a sociedade fere o Happy Hour cura.

Esses efeitos emocionais, experienciados puramente como sensação de pertencimento e tranquilidade, fazem com que o Happy Hour, mesmo não sendo decodificado na profundidade que esse estudo apresenta, abasteça seus freqüentadores da certeza de que esse hábito vale a pena ser repetido por inúmeras vezes futuramente.

REFERÊNCIAS

BARTHES, R. **Mitologias**. Trad.: Rita Buongiorno. 6.ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2012.

BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. Trad.: Plinio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BÍBLIA Sagrada: antigo e novo testamento. Trad.: João Ferreira de Almeida 2.ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

CAMPBELL, J. **Isto es tu**: redimensionando a metáfora religiosa. Trad.: Esdon Bini. 4.ed. São Paulo: Landy, 2002.

CUNHA, A. G. **Dicionário Etimológico da língua portuguesa**. 4.ed. Rio de Janeiro: Lexicon, 2010.

ELIADE, M. **O mito do Eterno Retorno**. Trad.: José A. Ceschin. São Paulo: Mercurio, 1992.

_____. **Mito e Realidade**. Trad.: Pola Civelli. São Paulo: Perspectiva, 1972.

LIPOVESTKY, G.; SERROY, J. **A cultura-mundo**: resposta a uma sociedade desorientada. Trad.: Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das letras, 2011.

ORIGEM da palavra. Disponível em: <www.origemdapalavra.com.br>. Acesso em: 20/03/2014

ZIZEK, S. **Como ler Lacan**. Trad.: Maria Luiza X. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.